

## RESENHA

# O BRASIL NÃO CABE NO QUINTAL DE NINGUÉM: BASTIDORES DA VIDA DE UM ECONOMISTA BRASILEIRO NO FMI E NOS BRICS E OUTROS TEXTOS SOBRE NACIONALISMO E NOSSO COMPLEXO DE VIRA-LATA

BATISTA JÚNIOR, Paulo Nogueira. São Paulo: LeYa, 2019. 448 p.

Recebido em 13/11/2020  
Aprovado em 03/08/2021

O Brasil é grande demais para ser coadjuvante. É dessa forma que Paulo Nogueira Batista Jr. analisa o Brasil em seu livro intitulado *O Brasil não cabe no quintal de ninguém: bastidores da vida de um economista brasileiro no FMI e nos BRICS e outros textos sobre nacionalismo e nosso complexo de vira-lata*. A obra possui seis capítulos centrados na reflexão sobre o nacionalismo através de diferentes prismas. Os primeiros dois capítulos contêm o testemunho do autor sobre a sua experiência como diretor executivo no Fundo Monetário Internacional (FMI) entre 2007 e 2015, e como vice-presidente do Novo Banco de Desenvolvimento, estabelecido pelos BRICS, entre os anos 2015 e 2017. No terceiro capítulo são apresentadas crônicas sobre o tema do nacionalismo e, no quarto, o autor oferece uma interpretação do desenvolvimento econômico brasileiro. O quinto capítulo expõe uma série de perfis de brasileiros ilustres. Por fim, o livro é encerrado com crônicas de humor econômico sobre a elite financeira brasileira.

## LEONARDO DIAS NUNES

Professor substituto no Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

E-mail: [leonardodiasnunes@hotmail.com](mailto:leonardodiasnunes@hotmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4190-1211>

Paulo Nogueira Batista Jr. apresenta-se com linguagem clara, direta e sem eufemismos e, de partida, explica como o nacionalismo herdado de seus pais tornou-se o fio condutor de sua análise. Sua mãe, Elmira Helena Pinheiro Nogueira Batista, era neta de um dos líderes da República Velha e sobrinha de um dos criadores da Vale do Rio Doce e construtores de Brasília. Já seu pai, Paulo Nogueira Batista, foi diplomata e um dos líderes da ala nacionalista do Itamaraty. Diz o autor que, desta herança familiar, recebeu as espadas da crítica e do combate sem jamais se

orientar pelas ilusões existentes nos conceitos de *humanidade, comunidade internacional e cidadania global*, cuja ausência de conteúdo nacional, diz o autor, causa um vazio alienador.

Nos dois primeiros capítulos, ao relatar sua atuação em instituições multilaterais, Paulo Nogueira Batista Jr. desnuda a complexidade existente na atuação dos próprios diretores no FMI e afirma que “é muito difícil, talvez impossível, realmente conhecer uma instituição deste tipo, entender como ela funciona, sem passar por lá, sem ter a vivência da instituição” (p. 55). O autor também revela como os europeus são avessos a qualquer tipo de reforma nesta instituição.

Quanto ao Novo Banco de Desenvolvimento, Paulo Nogueira Batista Jr. mostra as potencialidades e os limites desta nova instituição orientada para o financiamento de projetos de infraestrutura com sustentabilidade ambiental, as idiosincrasias de seu corpo técnico e relata o episódio que teve como consequência a sua saída do banco. Nestes dois capítulos, a forma escolhida por ele para contar a própria experiência permite ao leitor apreender uma crise internacional e a crise de uma nação. Conseqüentemente, o leitor poderá observar as crises existentes nos âmbitos internacional e nacional – *o todo* – expressando-se na história de vida de um indivíduo – *a parte*.

No terceiro capítulo, além das orientações para o nacionalismo do século XXI, duas críticas que merecem ser destacadas são apresentadas pelo autor. Na primeira, ele afirma que existem limites à democracia nas instituições multilaterais, pois o poder de voto dos representantes dos Estados nacionais está diretamente relacionado à parcela que cada um deles detém do capital consolidado destas instituições. Por este motivo, afirma que essas instituições ainda funcionam de acordo com o voto censitário. A segunda crítica diz respeito ao atual adestramento dos economistas, aspecto que está relacionado com o *soft power*<sup>1</sup> das nações hegemônicas e com a própria

---

<sup>1</sup> Moseph S. Nye Jr. (2004, p. 5) define o *soft power* como sendo a habilidade de conseguir o que se quer através da cooptação, em vez de conseguir através da coerção.

manutenção do subdesenvolvimento. Sobre este tema, Paulo Nogueira Batista Jr. afirma que um

[...] elemento central dessa estrutura de poder é o treinamento – adestramento talvez seja a palavra mais adequada – das elites da periferia nas universidades dos países centrais, nas suas instituições financeiras e em organizações internacionais como o FMI e o Banco Mundial. É uma antiga tradição imperial. Os romanos transplantavam os filhos dos líderes das tribos germânicas para Roma, onde eram devidamente aculturados. Retornavam à sua terra natal na condição de integrantes leais e assimilados do Império Romano (p. 298).

Nos dias de hoje, para o autor, os economistas aculturados aceitam os interesses das nações centrais nas instituições multilaterais e, como recompensa, ganham uma vida financeiramente confortável e o título para participar de um confortável clube, mas apenas enquanto integrantes de segunda classe. Paulo Nogueira Batista Jr. deixa claro ao leitor que possui aversão a este pretense cosmopolitismo, razão pela qual sua atuação profissional tornou-se cada vez mais difícil no Novo Banco de Desenvolvimento, sobretudo após o golpe de 2016, quando os governantes do Brasil se alinharam completamente à aculturação emanada dos centros de poder.

No quarto capítulo, ao discutir mais profundamente sobre macroeconomia nacional, o autor indica suas visões acerca do problema econômico e sugere caminhos para a economia brasileira. Seus argumentos tocam três aspectos fundamentais: *i*) a busca pelo desenvolvimento nacional deve subordinar a gestão da moeda nacional, do regime cambial e do regime fiscal; *ii*) o Banco Central deve se responsabilizar pela estabilidade monetária e pelo crescimento econômico; *iii*) a política econômica nacionalista do século XXI deve levar em consideração a distribuição de renda, as questões ambientais e, não menos importante, o multilateralismo, fator que, segundo o autor, atribuiria uma necessária face internacionalista ao nacionalismo do século XXI.

Os dois últimos capítulos do livro apresentam dois grupos da elite nacional. O primeiro, uma elite que se preocupou com a construção de uma nação no

Brasil. Já o segundo trata de outra elite, que apenas busca extrair e acumular individualmente a riqueza produzida na sociedade brasileira. Em relação aos integrantes do primeiro grupo, no quinto capítulo, o autor apresenta os perfis de estadistas, economistas, escritores e um esportista – pessoas possuidoras de orientações nacionais e de outros raros predicados, tais como Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Luiz Inácio Lula da Silva e Leonel Brizola; políticos nos quais Paulo Nogueira Batista Jr. certamente se inspira para atualizar o nacionalismo no século XXI.

Já em relação ao segundo grupo, no sexto capítulo, Paulo Nogueira Batista Jr. os critica através das crônicas de humor econômico, ferramenta fundamental, em sua visão, para ajudar a digerir as superficiais verdades afirmadas em todos os meios de comunicação pela *turma da bufunfa* – o grupo de profissionais do mercado financeiro que possui como única preocupação o lucro próprio e o de seus sócios.

Com relatos que expressam uma visão crítica sobre a atuação das nações centrais nas instituições multilaterais, o livro *O Brasil não cabe no quintal de ninguém* contribui para a constatação das dificuldades de realização de reformas no sistema financeiro internacional e para o debate sobre as regras tácitas existentes nas instituições multilaterais. O testemunho do autor revela o funcionamento das instituições orientadas pela teoria econômica ortodoxa. Dessa forma, apresenta a separação entre ortodoxia teórica e prática e, não menos importante, mostra como aqueles que dizem possuir a neutralidade da técnica são dominados por profundos interesses políticos nacionais.

A obra também abre espaço para reflexões que extrapolam seu conteúdo. Uma das questões principais suscitada pela obra diz respeito às possibilidades de nações periféricas, como o Brasil, alcançarem um padrão de vida moderno por meio de políticas nacionalistas, em pleno século XXI. Por fim, o livro ainda suscita indagações sobre a grave crise existente no seio da modernidade. É a partir deste ponto que se pode estabelecer uma conexão entre o momento histórico descrito pelo autor, em que são observados

os limites das promessas da sociedade burguesa, tanto nas periferias do sistema capitalista como em seu centro, com as contribuições de Enrique Dussel (2014) e Paulo Arantes (2014).

Dussel (2014) evidencia as consequências históricas e epistemológicas do eurocentrismo inoculado nas sociedades periféricas, além de mostrar as mazelas existentes nesta parte do planeta como sendo a face oposta do mundo desenvolvido. Já Arantes (2014), ao analisar as transformações ocorridas no final do século XX, propõe a existência de um *novo tempo do mundo*, um tempo em que as expectativas de futuro existentes na sociedade são cada vez mais reduzidas. Neste novo período histórico caracterizado pela crise social, os governos já não são capazes de organizar a ordem e apenas buscam administrar o caos.

Os autores acima citados, cada um a sua forma, observam a crise da modernidade e sua consequência: a severa crise social vivida em meio à abundância da acumulação de capital. Com essa realidade, de acordo com o conceito cunhado por Paulo Nogueira Batista Jr., a *turma da bufunfa* pouco se preocupa, pois se locupleta neste processo. O problema, portanto, vai além de pensar a política econômica do século XXI. Também é necessário que os formuladores das políticas econômicas nacionalistas superem o universalismo das leis econômicas, a alienação intelectual e o complexo de vira-lata.

Para resolver os problemas atuais será necessária muita criatividade, como argumentava Celso Furtado. Por isso, reconhece-se a necessidade de colocar lado a lado intelectuais de formações tão distintas para refletir sobre o problema nacional. Afinal, uma pergunta continua em aberto: como orientar as discussões em torno da questão nacional em meio à crise da modernidade, neste *novo tempo do mundo*?

A resposta para esta pergunta não é de fácil descoberta. Entretanto, os relatos apresentados por Paulo Nogueira Batista Jr. apresentam um caminho ao evidenciar que as políticas econômicas aparentemente neutras defendidas pelas instituições multilaterais e o complexo de vira-lata devem ser combatidos e superados a fim de buscar possíveis soluções para a crise nacional.

## Referências

ARANTES, P. E. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014.

DUSSEL, E. *Política da libertação I: história mundial e crítica*. Passo Fundo: IFBE, 2014.

NYE JR., J. S. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. Nova York: Public Affairs, 2004.